



PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

GONÇALVES, Ludmyla Silveira ¹ ; LEONARDO, Rozileia Silva ² ;
TORRES, Sarah Abreu Rolí ³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo revisar e discutir as metodologias ativas tendo em vista o processo de ensino-aprendizado que garanta uma visão crítica de jovens e adultos inseridos no ensino superior. Observou-se, diante da revisão bibliográfica aqui realizada que versam sobre as metodologias ativas, propostas que privilegiam um processo de ensino-aprendizado a partir da pedagogia da autonomia discutida por Paulo Freire. Essa forma de articular essa perspectiva da autonomia nas metodologias ativas mostra-se promissora por agregar um caráter mais dinâmico, criativo e sentimento de autogoverno sobre seu processo de construção do saber. Desta forma, o levantamento bibliográfico discutido ao longo do texto articula essas formas de metodologias como um diálogo promissor ao repensar as metodologias tradicionais de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: ensino superior. metodologias ativas. pedagogia da autonomia.

Abstract

This work aims to address active methodologies with a view to the teaching-learning process that ensures a critical view of young people and adults inserted in Higher Education. It was observed, in view of the bibliographical review carried out here, that

¹ Psicóloga; Centro Universitário Redentor, Coordenadora do Departamento CASA, Itaperuna-RJ, silveiralud@gmail.com

² Docente; Centro Universitário Redentor, Medicina, Itaperuna-RJ, não informado

³ Procuradora Institucional; Centro Universitário Redentor, Direito, Itaperuna-RJ, torres.sarah@rolí@gmail.com



they deal with active methodologies, proposals that privilege a teaching-learning process based on the pedagogy of autonomy discussed by Paulo Freire. This way of articulating this perspective of autonomy in active methodologies is promising for adding a more dynamic, creative character and a sense of self-government over the knowledge construction process. Thus, the bibliographic survey discussed throughout the text articulates these forms of methodologies as a promising dialogue to rethink traditional teaching-learning methodologies.

Keywords: active methodologies. autonomy pedagogy. university education.



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende revisar e discutir metodologias de ensino onde as transformações sociais trazem novas perspectivas para o ambiente de estudos. O enfoque da análise se encontra na discussão acerca de como essas metodologias podem ser utilizadas no Ensino Superior, onde os agentes são, em sua maioria, jovens e adultos, que já cursaram todo o ensino básico e que, para além disso, já detém de conhecimentos morais e éticos que podem fornecer certo tipo de maturidade.

Usa-se como base a perspectiva de Freire (1996) acerca da pedagogia da autonomia, onde o educador precisa ter uma criticidade ao preparar materiais que atendam aos alunos de forma que ele compreenda o conhecimento, mas sem deixar de perder a autoridade, não a confundindo com autoritarismo. Freire (1996) destaca a necessidade do professor estar atento ao seu papel, pensando num sentido metodológico, compreensivo, crítico, ético, de renovação, de compreensão da multiplicidade cultural e dentre outros pontos inerentes a formação docente e nesse sentido, pensar as metodologias ativas, enquanto relacionadas a uma autonomia que o professor começa a designar ao discente.

Atualmente, as metodologias ativas têm apresentado, a partir da produção de conhecimento, rupturas com leituras de ensino-aprendizado que entendem essa relação hierárquica e não reflexiva, sobretudo na posição dos alunos nesse processo. O processo de ensino destacado pelas metodologias ativas tem o aluno como personagem principal de seu conhecimento, o que pode estimular mais criatividade, dinamismo e sentido de liderança nos alunos, sendo compreendido como um processo de relação de mutualidade. A partir das formulações teórico-metodológicas de Paulo Freire, a posição de ator (professor) e receptor (aluno) é colocada em xeque por entender que este último tem autonomia em diferentes esferas da vida.

A intenção, então, é destacar inicialmente as implicações existentes nas metodologias ativas em detrimento as tradicionais, assim como pensar na utilização delas no Ensino Superior considerando as especificidades de cada curso, já que as formações são voltadas para determinadas áreas que podem ser de completa estranheza quando comparadas às suas práticas.



2 A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Por muitos anos a educação tradicional foi popularmente utilizada com o enfoque em um tipo de necessidade de controle sobre a educação e a autoridade do professor na sala vista como necessária e que impelia um poder, se tornando autoritarismo, o que para Freire (1996) não é o papel do educador.

Podia-se notar também que nessa perspectiva o aluno não passava de uma folha em branco em que o professor despejava seus conhecimentos e repassava seus saberes de uma forma que os alunos muitas vezes gravavam os conteúdos pragmáticos sem a necessidade de desenvolver pensamento crítico acerca do conhecimento adquirido.

As metodologias ativas vêm para os sistemas educacionais como um renovo numa onda de globalização onde os sistemas de informações se tornam cada vez mais unificados e propensos a disseminação do conhecimento a nível mundial. Este tipo de metodologia traz um dinamismo tanto para o professor abordar, montar e desenvolver temas, quanto para o aluno em ter possibilidades de desenvolver seu conhecimento de formas variadas, que consigam atender seu nível intelectual e ter o máximo de proveito do conteúdo trabalhado.

Pensando num sentido tradicionalista tem-se a aplicabilidade de recursos voltados para uma educação presa aos ideais de compreensão do professor enquanto detentor de um conhecimento e o aluno como um recipiente vazio, sem considerações às vivências anteriores do discente, em que o torna desigual de qualquer indivíduo. Assim, por muitas vezes pode-se notar certa insuficiência no método de ensino normativo tradicional. Paulo

Freire diz que:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivorelativo. Verbo que pede um objeto direto. (FREIRE, 1996, p. 25).



No limite de um palco de problemáticas relacionadas ao ensino e suas metodologias, pretende-se aqui focar no ensino superior e alunos que demandam necessidades diferentes das que existiam nos momentos anteriores à sua educação.

No ensino superior faz-se necessário compreender que o aluno traz uma carga consigo de experiências do dia a dia e de estudos que podem ou não já estar inseridos numa perspectiva de um ensino renovado. Além disso, é necessário refletir que muitos deles, pela idade, podem ter empregos, famílias e fatores externos que são importantes atravessadores no estabelecimento de rotinas de estudo e na construção da aprendizagem.

O ambiente de ensino como um todo tem que estar preparado para que a adaptação dos alunos ocorra de forma fluida, desde as estruturas físicas até o preparo de todos os agentes que lidam diretamente com os alunos. Assim, entender e acolher a demanda deste aluno, fornecer um espaço onde ele se sinta a vontade, aliando as suas vivências aos conteúdos programáticos e desenvolver professores por meio de atualizações e busca por inovações são ações sensíveis e importantes de serem discutidas quando se pensa em criar um ambiente de ensino potente.

O saber e suas relações no processo de ensino-aprendizagem acabam por demonstrar elos para além do aluno-professor na sala de aula, mas também de aluno para aluno, aluno com outros profissionais que direta ou indiretamente se relacionam, e assim por diante. É necessário destacar a importância do preparo não somente do docente, mas dos demais colaboradores de uma rede de ensino.

Pensar uma metodologia que ampare os estudantes de forma que eles desenvolvam competências e habilidades para além de adquirir conhecimento, é de extrema importância. Isto reforça relações para além do desenvolvimento intelectual, mas também o pessoal/social, a sentido de resiliência, empatia, autonomia e tantas outras questões importantes, presentes no ambiente escolar.

Compreender que essas relações são completamente dependentes é de fato entender a complexidade existente nos sujeitos. O papel do professor, antes de tudo, é lidar com o redesenho das práticas tradicionais desenvolvidas até então, como, por exemplo, vê-lo como uma autoridade, imbuída de autoritarismo e a necessidade de controle advinda da ordem, bem como como o uso da força moral para coagir os alunos e a cobrança do uso da memória com artifício básico para o conhecimento. É uma prática



que passava de geração em geração, ou seja, lhes foi ensinado também, ao longo de suas carreiras acadêmico- escolares.

O aluno, no entanto, tem o papel de uma base neutra que necessita de atualizações conteudistas que só servirão para o necessário do básico no dia a dia, dando a ele um papel completamente passivo ao processo.

Ao decorrer das décadas despertou-se então a necessidade de trazer o aluno para um ambiente que abordasse além do conhecimento necessário para passar somente numa avaliação oral/escrita. A formação implica em sentidos de formação moral, que revela formas de comportamento, assim como a ressignificação ou reafirmação de padrões previamente existentes na sociedade, por isso deve ser repensada.

Para Freire (1996) o papel de um educador está entre criar o ambiente propício ao desenvolvimento das funções cognitivas do aluno, a partir desses conhecimentos prévios que eles já têm. No Ensino Superior isto é mais potente, já que o aluno universitário já passou por todas as etapas do ensino básico e conseguiu desenvolver boa parte das competências exigidas pelos órgãos da educação para prosseguirem no ambiente.

São importantes a criação de programas de incentivo ao desenvolvimento não somente dos professores, mas dos agentes presentes nos processos de ensino-aprendizagem, pois,

[...] o desenvolvimento de programas de acção/formação pedagógica, envolvendo docentes de cursos iguais ou afins, de diversas instituições (nacionais e, eventualmente, estrangeiras), o desenvolvimento de projectos institucionais e interinstitucionais de investigação-ação, e a consolidação de pós-graduações no campo da pedagogia do ensino superior poderiam ser estímulos importantes para a construção da excelência pedagógica do ensino superior. (ESTEVEVES, 2008, p. 108).

O Ensino Superior, nesta perspectiva, pode ter mais recursos que os ambientes escolares básicos, principalmente se a rede de ensino for privada, onde o ensino é planejado de forma que atenda aos interesses dos alunos, a fim de estudarem em um ambiente que propicie o máximo de conforto e forneça os melhores métodos de ensino.

É interessante o desenvolvimento de práticas que estimulem nos docentes os significados de relações individuais e grupais, já que o objetivo é quase sempre a formação de alunos para o externo, onde as vivências do dia a dia ditarão situações que o ideal seria que existisse um preparo prévio para isso.



É interessante também pensar que existem especificidades dentro do ambiente universitário, onde os cursos, dependendo da perspectiva que são voltados, demandam pedagogias e metodologias específicas. Por exemplo, um curso de licenciatura demanda metodologias diferentes para com os alunos, já que eles estão se formando para formar outros indivíduos. Diferentemente dos cursos de bacharelado, onde os alunos não lidam diretamente com o módulo educacional, de docência.

Então,

[...] estamos em crer que o ponto de partida da formação a desenvolver deveriam ser os problemas com que a aprendizagem e a formação dos estudantes em cada curso ou programa se defrontam e não a criação de ações genéricas de formação inspiradas num paradigma defectorológico da formação dos docentes. (ESTEVES, 2008, p. 108).

O uso de novas tecnologias para este tipo de mediação pode auxiliar o processo educacional já que:

O desafio imposto à escola por esta nova sociedade é imenso; o que se lhe pede é que seja capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático, mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida. (COUTINHO; LISBÔA, 2011, p. 5).

Sendo assim, o papel do educador não pode deixar de ser: preparar o aluno para os desafios do dia a dia. No entanto é necessário que haja a criticidade no sentido de pensar a educação como um processo interativo, onde nem sempre é possível para eles se dedicarem integralmente ao projeto educacional, tendo contextos de vida completamente diferentes um do outro.

Nesta perspectiva, à docência exige reflexão sobre o papel do autoritarismo na relação docente-discente. Para Freire (1996) o professor não pode deixar de manter sua autoridade, onde o respeito enquanto profissional existe, mas não pode ultrapassar os limites do autoritarismo, coagindo o aluno e o tornando menos desenvolvedor de criticidade e criatividade.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas são as formas de se aplicar metodologias ativas em sala de aula. O modelo de realização de seminários, em que o aluno ganha um papel mais ativo no desenvolvimento do conhecimento, exemplifica parcialmente o que os modelos de metodologias ativas discutem, pois o aluno ganha um papel de responsabilidade diante da necessidade de ir bem no desenvolvimento da atividade, para que seja recompensado com alguma nota. Além disso, este modelo traz consigo um papel mais ativo do aluno no processo, sendo ele o guia de determinado assunto para com os seus colegas de classe.

Existem outras metodologias muito utilizadas, como o da sala de aula invertida, onde o aluno pesquisa um assunto prévio designado pelo professor e traz à sala as suas percepções e dúvidas sobre o tema, tendo no professor um facilitador para a compreensão. Assim, o aluno adquire um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Diversas são as possibilidades de aplicação de um ensino ativo, mas talvez uma das mais discutidas nos últimos meses seja o ensino híbrido. Com a combinação do ensino à distância com o presencial, saindo do modelo tradicional de aulas completamente presenciais, tem-se o rompimento de barreiras físicas, a imediata absorção e desenvolvimento através do uso de tecnologias e o estabelecimento de conexão entre dois meios. Assim, atividades à distância (ou remotas) e presenciais são estruturadas de forma que o aluno realize atividades nos dois meios e eles interajam entre si.

O ensino híbrido ganhou mais visibilidade e entrou em pauta em congressos e estudos mundiais desde a deflagração da pandemia Covid-19, no ano de 2019. Esta crise sanitária forçou as escolas, empresas e demais associações a se adaptarem ao modelo remoto, já que o vírus pode ser transmitido por contato físico direto ou indireto. Todos precisaram se adaptar, pois, seguindo as normas da Organização Mundial de Saúde, o distanciamento social foi utilizado como uma das medidas de contenção do vírus. Mesmo este não sendo o foco, é necessário de se discutir enquanto demonstração de contexto incomum, mas que mudou completamente as estruturas da sociedade e dos modelos de ensino, que ainda se encontra nessa situação.

Através do desenvolvimento social-tecnológico a educação também sofre ao longo dos anos consequências de uma geração com cada vez mais acesso à informação através da internet, que assim como outras inovações se tornou um aliado do educador dentro do ambiente de ensino.



Foi necessário compreender que, para além de uma geração cada vez mais habilitada e inserida na onda de novas tecnologias, assim também seria cada vez mais necessário o renovo de metodologias tradicionais, que já não atendiam de forma regular os alunos, tanto do ensino fundamental quanto aos anos seguintes.

As metodologias ativas trazem, então, um equilíbrio no desempenho de cada aluno que, juntamente com o professor facilitador, é responsável pelo seu processo de ensino-aprendizagem. Este aluno compreende as suas próprias capacidades cognitivas e suas barreiras advindas das estruturas tradicionais de ensino, conseguindo diagnosticar as suas falhas e potencialidades. Muitas vezes é necessário a utilização de novas metodologias, assim como adaptações para que o aluno consiga alcançar os objetivos de aprendizagem. Sendo assim,

[...] alguns componentes são fundamentais para o sucesso da aprendizagem: a criação de desafios, atividades, jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa, que solicitam informações pertinentes, que oferecem recompensas estimulantes, que combinam percursos pessoais com participação significativa em grupos, que se inserem em plataformas adaptativas, que reconhecem cada aluno e ao mesmo tempo aprendem com a interação, tudo isso utilizando as tecnologias adequadas. (MORÁN, 2015, p. 18).

Diante do exposto, podemos compreender as especificidades do aluno universitário e o processo de adaptabilidade dele com as metodologias ativas aplicadas no processo de ensino-aprendizagem do Ensino Superior, assim como os possíveis desafios do educador e demais participantes do processo de aprendizado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se então, que o processo educacional é dotado de complexidades, que muitas vezes facilitam e/ou tornam desafiadores o trabalho do educador. O ensino tradicional vem dando cada vez mais lugar as novas propostas de metodologias, a partir de mudanças sociais, culturais e comportamentais.

No caso do Ensino Superior isso ganha uma força maior, já que as relações se dão, em sua maioria, por jovens e adultos, que já cumpriram previamente os requisitos para adentrar no ambiente acadêmico e trazem consigo vivências de mundo que enriquecem e individualizam cada processo de aprendizagem.



O docente, neste contexto, precisa estar sempre atualizado, e para Freire (1996) precisa ter requisitos como, por exemplo, o de inovação, criticidade, ética e dentre outros pontos necessários na formação do próprio professor, pois antes de educar ele precisa ser educado. Ainda assim, mesmo no processo em que ele tem o papel mais ativo, não se esquecer que esta relação é uma via de mão dupla.

O discente, por sua vez, é personagem principal no processo de aprendizado. O desenvolvimento de autonomia, autorregulação e pro atividade proposta pelas metodologias ativas contribui para uma formação muito mais contextualizada, responsiva e baseada em situações reais, preparando os alunos para o dia a dia de atuação profissional.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, C.; LISBÔA, E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, São Carlos, v. 18, n. 1, p. 5-22, 2011.

ESTEVES, M. M. F. Para a excelência pedagógica do ensino superior. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, sem volume, n. 7, p. 101-109, set./dez. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas: coleção mídias contemporâneas. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

**EDIÇÃO ESPECIAL**

Pandemia

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: GONÇALVES, L. S.; LEONARDO, R. S.; TORRES, S. A.
R. Pedagogia da autonomia e metodologias ativas no ensino superior.
Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico, Itaperuna, v.
06, n. 3, p. 1-11. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v6n3a65>.

AUTOR CORRESPONDENTE

Nome completo: Ludmyla Silveira Gonçalves

e-mail: silveiralud@gmail.com

Nome completo: Rozileia Silva Leonardo

e-mail: não informado

Nome completo: Sarah Abreu Rolí Torres

e-mail: torres.sarah@roli@gmail.com

RECEBIDO

20. 08. 2020.

ACEITO

20. 12. 2020.

PUBLICADO

01. 11. 2021.

TIPO DE DOCUMENTO

Revisão de Literatura